

## O RECONHECIMENTO DO INGLÊS BRASILEIRO COMO VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA ANÁLISE DA NOVA BNCC DO ENSINO MÉDIO

Helen de Sá Cardoso\*

Diógenes Cândido de Lima\*\*

**RESUMO:** A língua se manifesta de maneira variável por estar condicionada a seus falantes e a pluralidade de seus comportamentos, culturas e identidades. O inglês é uma das línguas mais faladas no mundo, é a língua da globalização e de interação entre pessoas, por isso é multifacetada, multilíngue e multicultural. Ela possui diversas variações que são atribuídas por todos os seus falantes, é franca, sem um único dono e heterogênea. Assim, surge o *World English* (RAJAGOPALAN, 2005), um fenômeno linguístico que consiste na multiplicidade existente no inglês. Ele considera todos os *ingleses* falados como variações da língua, então, nessa diversidade linguística o inglês brasileiro é, portanto, uma dessas variações. Para Rajagopalan (2009), esse fenômeno deve ser ensinado nas escolas objetivando apresentar aos alunos suas manifestações, prepará-los para acompanharem a evolução social e aprenderem a lidar com as diversas formas de falar. Assim, buscamos compreender de que forma a Nova Base Nacional Comum Curricular do ensino médio de 2018 aborda a questão da variação linguística e se considera o inglês brasileiro como variante dessa língua e seu ensino. Visamos promover o reconhecimento dessa variação pautados nas concepções do *World English* com aporte na Sociolinguística Variacionista, na Linguística Aplicada Contemporânea e em autores como Labov (2008); Alkmim (2006); Görski et al. (2010); Rajagopalan (2004; 2005; 2009), Moita Lopes (2011), etc. Concluiu-se que o documento reconhece a diversidade do inglês e a necessidade de um ensino heterogêneo e multifacetado. Porém, não cita o inglês brasileiro e nem o oficializa como uma variação dessa língua.

**PALAVRAS-CHAVE:** BNCC; Ensino; Inglês brasileiro; Língua inglesa; Variação linguística.

---

\* Mestranda em Letras: Cultura, Educação e Linguagens pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Bolsista Fapesb.

\*\* Doutor em Educação pela Southern Illinois University at Carbondale (SIUC). Professor pleno da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

## Introdução

Podemos perceber que a língua se desenvolve de maneira variável, isto é, as manifestações linguísticas que se consolidam através de diferentes modalidades se diversificam e mudam de acordo com diversos fatores circunstanciais, como as questões de comportamento e de cunho culturais, sociais, pessoais, regionais, geográficos, entre outros.

As línguas apresentam variações em suas modalidades, na fala e na escrita. Para Labov (2008) essas mudanças se diferem de acordo com os indivíduos e as situações vivenciadas por tais indivíduos. Isto significa dizer que as condições as quais estamos inseridos interferem no desenvolvimento e nas manifestações linguísticas.

Estas variações estão presentes em todas as línguas existentes, já que, segundo Labov (2008) as variações existem porque existem pessoas que vivem em sociedade heterogênea e hierárquica e, portanto, constroem a língua. Desta forma, podemos refletir que as modificações na língua estão condicionadas às mudanças sociais e que quanto mais a sociedade pluraliza seus comportamentos em meio a uma era cujo globalização se expande à passos largos, mais esses comportamentos se refletem nas línguas por meio das variações.

Com o inglês não é diferente, ainda mais por ser uma língua franca, falada em todo o mundo, utilizada no comércio, nas relações pessoais, profissionais, no mundo dos negócios e por ser uma língua de fronteira entre pessoas de todas as partes do planeta e de todas as culturas. Para Ramos (2009) o inglês apresenta, como qualquer outro idioma, diversas variações que são provenientes do processo de interferência e transferência e ambos são resultantes da bagagem e identidade cultural de cada indivíduo. Portanto, “língua e cultura estão intrinsecamente ligadas” (LIMA, 2009, p. 182), assim concordamos.

Dado isto, considerar a questão da variação linguística no ensino de língua inglesa se faz corriqueiro devido ao teor multicultural desta língua e das diversas formas de expressão que são criadas através dela por seus falantes. Para Rajagopalan (2009) o inglês não é mais propriedade de uma nação ou país específico há muito tempo e, por isso, ele é pertencente a todos os seus falantes. Nesta perspectiva, surge o conceito de *World English* de-

fendido pelo autor como o inglês multifacetado e permeado de diversas variações e sotaques em que se considera todas as formas de falar inglês, pois elas são variações da língua através de manifestações diversas.

No Brasil ele é falado como língua estrangeira, ou seja, não é materno e nem oficial do país, mas seu ensino é obrigatório na etapa da educação básica que vai do ensino fundamental ao ensino médio. Em 2017 tivemos uma grande reforma nos parâmetros educacionais do país com a aprovação e implementação da Nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que surge com o intuito de normatizar as aprendizagens essenciais e obrigatórias que todo estudante deve desenvolver (MEC, 2018).

Este documento, inicialmente, estipulou as mudanças do ensino fundamental e, logo após, em 2018, aprovou as modificações do ensino médio. Ambas estão em estágio de implementação e desenvolvimento nas escolas, porém a reforma do ensino médio tem previsão de estar completamente estabelecida até 2022, (BRASIL, 2018).

Consideramos neste trabalho a existência da variação linguística que é fortemente presente na língua inglesa, o não pertencimento desta língua a apenas uma nação ou país e a necessidade de se considerar os vários *Englishes* (ingleses), que para Rajagopalan (2009) são manifestação desse idioma, no ensino de línguas.

Assim, esta pesquisa se dispõe a compreender de que forma a Nova BNCC de 2018, do ensino médio, aborda a questão da variação linguística da língua inglesa, considerando, ou não, o inglês brasileiro como variante desta língua e seu ensino na sala de aula.

O presente trabalho se preocupa, também, em compreender como esse documento trata desta questão, visando promover o reconhecimento do inglês brasileiro como uma variação da língua inglesa. Para tanto, a investigação tem por objetivos específicos: (i) abordar algumas perspectivas sobre variação linguística; (ii) analisar se e como a BNCC explora a questão da variação linguística e do inglês brasileiro no ensino de língua inglesa no ensino médio, em trechos deste documento; (iii) propor o inglês brasileiro como variação da língua inglesa.

Caracterizando-se como uma intervenção teórica, este trabalho busca aporte em duas correntes de estudos da língua e linguagem, a Sociolinguística Variacionista e a Linguística Aplicada Contemporânea, e em autores como Labov (2008); Alkmim (2006); Górski et al. (2010); Rajagopalan (2004; 2005; 2009), Moita Lopes (2011), entre outros estudiosos.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa<sup>17</sup> pois tem caráter subjetivo e os dados analisados não apresentam resultados numéricos e exatos. Além disto, é uma pesquisa bibliográfica, por consultar fontes teóricas para discussão de ideias, e exploratória por apresentar as seguintes características: visa obter familiaridade com o que é pesquisado, busca esclarecer conceitos trazidos e desenvolver ideias e não há necessidade de levantamento de hipóteses, Oliveira (2011).

Ademais, a abordagem qualitativa objetiva “explorar, aprofundar e explicar” (OLIVEIRA, 2011, p. 14) e entende que o indivíduo pesquisador se relaciona com a investigação, pois encontra-se na posição de sujeito parte da sociedade e, portanto, parte dos fenômenos sociais inerentes à pesquisa.

Desta forma, o método interpretativista faz-se adequado para análise dos dados. Conforme postula Bortoni-Ricardo (2008) o pesquisador é um cientista social que faz parte da sociedade, por isso o seu olhar é um tipo de filtro no qual suas crenças e visões estão presentes. Portanto, suas formas de ver a pesquisa está condicionada a suas ideologias e isso interfere em suas análises e concepções de ideias.

Nosso artigo estrutura-se da seguinte maneira: na seção seguinte serão apresentados alguns levantamentos teóricos sobre variação linguística na perspectiva da Sociolinguística Variacionista e da Linguística Aplicada Contemporânea com a abordagem do conceito *World English*. Esta parte ilustrará nosso aporte conceitual e teórico sobre a temática do trabalho.

---

<sup>17</sup> Esta pesquisa é financiada pela agência de fomento à pesquisa FAPESB através de bolsa auxílio vinculada ao programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens.

Em sequência, outra seção abordará uma breve análise sobre a exploração desse tema dentro da Nova BNCC de 2018 do ensino médio, a partir da exposição de alguns trechos desse documento. Por fim, serão apresentadas nossas considerações finais.

### **Considerações sobre variação linguística e o ensino de inglês**

Uma das vertentes da Sociolinguística é a Teoria da Variação e mudança Linguística cujos estudos concentram-se em discussões sobre as constantes mudanças da língua falada e escrita numa perspectiva de relações entre língua, linguagem e sociedade.

Com base nos pensamentos do linguista estadunidense, William Labov (2008), esta vertente entende que a língua se faz heterogênea, havendo variações e estruturas diferentes na fala, na qual nenhum falante expressa-se do mesmo modo que outro em situações de comunicação diferentes, Görski et al. (2010).

A Sociolinguística Variacionista, que trata de questões da variação, busca investigar os processos de mudanças que existem nas comunidades de fala, que para Labov (2008) são grupos que possuem traços e normas acerca de uma língua e que utilizam desse conjunto de normas compartilhadas de maneira consciente, o que leva a uma distinção entre grupos de falantes.

Adentrando os esclarecimentos de Alkmim (2006) compreendemos que a Sociolinguística Variacionista define variação linguística como diferentes maneiras de falar e que essa diversidade é o que caracteriza cada comunidade de fala.

De acordo com Alkmim (2006, p. 33) “[...]qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea. Isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedade”. Tal perspectiva nos leva a refletir que as variedades apresentadas através da língua são reflexos do comportamento humano em seus diferentes contextos.

As pessoas apresentam comportamentos distintos que mudam de acordo com situações e circunstâncias diversas, além da visão de mundo que é única para cada sujeito, as

questões sociais, hierárquicas, geográficas, entre outras, afetam e caracterizam, de certo modo, o nosso comportamento e a maneira como nos expressamos, como comunicamos, como produzimos linguagem e como falamos.

A título de exemplo, analisemos a situação hipotética a seguir: digamos que uma língua seja restrita e falada por apenas uma comunidade delimitada de pessoas, como por exemplo uma língua indígena utilizada apenas numa dada comunidade, na qual não há influências de línguas externas.

Ainda assim, se seguirmos os pressupostos de Labov (2008) essa língua, por mais que falada isoladamente, sofreria mudanças na fala, visto que o que faz com que uma língua mude são as pessoas que a utilizam e não seu sistema linguístico em si. Além do que, como citado, nenhum falante expressa-se igual ao outro e a expressão da fala é caracterizada pelo comportamento humano.

Outro fator que leva as modificações de uma língua falada é a característica e bagagem cultural proveniente de seus falantes. Definir cultura, para Lima (2009) é uma atividade complexa por conta das mudanças sociais que enfrentamos num mundo que se torna cada vez mais internacional. Porém, o autor, em consonância aos pensamentos de Hall (1961) e Damen (1987) entende que cultura é autoconhecimento e é um mecanismo que as pessoas usam para adaptarem-se. Desta forma, entendemos que a cultura caracteriza o comportamento humano e está relacionada às nossas escolhas, nosso modo de viver, de pensar, de agir e de conviver com o outro.

É por isso que uma língua falada em diversos países, por várias pessoas ao redor do mundo todo, com a característica de língua franca, língua dos negócios e a língua da globalização, como o inglês, sofre diversas modificações na fala. A carga cultural que ela recebe de seus falantes faz-se intensa e a torna uma língua sem donos, uma língua de todos, uma língua multicultural, como defende Rajapogalan (2009).

A título de esclarecimento, língua franca é um idioma usado por “falantes de línguas maternas diferentes” Siqueira (2018, p. 94) e não é neutra, ou seja, ela pertence a todos que a falam e é multicultural. Sob essa ótica, o autor considera o inglês uma língua multilíngue

justamente por conta de suas variantes decorrentes de um idioma que, como diz Siqueira (2018, p. 100), “viaja pelo mundo”.

Tal idioma é tido no nosso país como língua estrangeira e seu ensino é obrigatório no ensino fundamental e médio, que são etapas da educação básica. Por não ser uma língua materna e ainda ser muito pouco falada no Brasil, as escolas encontram dificuldades para ensiná-la, pois existem fatores que podem afetar o processo de ensino e aprendizagem na sala de aula. Dentre eles, o pouco tempo que é cedido para as aulas de inglês, a falta de material apropriado, contextualizado e mais adequado para as diversas realidades sociais, a falta de preparação mais especializada dos profissionais da área, a estrutura física escolar, entre outras condições.

Contudo, professores se esforçam na tentativa de um ensino mais efetivo e coerente. Todavia, ainda se percebe a predominância de um inglês hegemônico na sala de aula, aquele que vislumbra os sotaques típicos estadunidenses e britânicos. Mas, o que estudiosos da Linguística Aplicada Contemporânea dizem a respeito do ensino de inglês e dessa hegemonia no ensino de língua estrangeira no Brasil? É o que será brevemente discutido a seguir.

A linguística Aplicada Contemporânea (LA) é um campo mestiço e nômade que tem por objeto os estudos sobre língua e linguagem numa perspectiva social, buscando a aplicabilidade de teorizações de vários campos do saber para a resolução de problemas relacionados à língua, linguagem e sociedade.

Ademais, considera a produção de linguagem em contexto real de uso, é a prática da língua nos âmbitos da sociedade, busca por mudanças sociais e considera o sujeito e suas múltiplas identidades, suas culturas, sua vida em coletividade e seu modo de se comunicar e de produzir linguagem, Moita Lopes (2011).

Sob essa ótica, estudiosos da LA objetivam acompanhar as mudanças sociais e, conseqüentemente, os conceitos sobre língua e linguagem que permeiam a sociedade. Para tratar a respeito da hegemonia de sotaques no ensino de línguas, buscaremos alguns breves

conceitos dentro desta temática, com enfoque maior no conceito de *World English*, do linguista aplicado crítico e contemporâneo Kanavilil Rajagopalan (2004; 2005; 2009).

Partindo do pressuposto de Ramos (2009, p. 54) de que “não existe um único “inglês”. Tal como outras línguas, o inglês também apresenta diferentes variantes, resultantes de processos de interferência e transferência” é que reforçamos a necessidade de se repensar o ensino de língua estrangeira cada dia mais nas nossas escolas.

Se ensinamos uma língua franca, devemos adotar sua característica de língua franca, isto é, é preciso apresentar as diversas faces do inglês e permitir que os alunos percebam e entendam que fazem parte dessa comunidade de pessoas que compartilham de uma língua coletiva e sem um único dono, como ressalta Rajagopalan (2009).

Moita Lopes (2008, p. 333) corroborando com os estudos do inglês como língua franca chama a nossa atenção para a hibridiz de dessa língua esclarecendo sua função de língua de fronteira, aquela utilizada na ação da vida social e que serve para a “expressão de performances identitárias”. Dessa maneira, a língua assume seu viés heterogêneo.

A proposta do autor transmite a ótica da LA que é contra a centralização hegemônica do inglês baseando-se numa concepção de natureza plural da língua. Ele vislumbra uma ideologia linguística que descentralize o inglês e se adote essa visão anti hegemônica, também no ensino de línguas, para que se possibilite a criação de novas performances identitárias e sociais.

Estando diante de uma nova perspectiva de língua e aprendizagem, é preciso lançar mão daquilo que se faz novo para acompanhar as evoluções sociais. A sala de aula é um espaço oportuno para se desenvolver as relações com o outro.

O contato com a língua inglesa permite que o sujeito se (re)conheça ao tempo em que conheça mais do outro. Quando se adota o ensino hegemônico de línguas essa expansão do autoconhecimento e das relações externas torna-se um processo mais restrito e mais complicado, pois cria-se uma limitação da ótica do sujeito (aluno), o que impossibilita que ele veja por diferentes perspectivas, sob uma visão mais ampla e mais diversificada.

Por isso que a LA contemporânea se preocupa com o papel do professor de línguas e entende que,

[...]como professores de inglês, é nosso dever preparar nossos alunos para serem cidadãos de mundo novo que se descortina diante dos nossos olhos e sobre o qual temos apenas uma ideia ainda muito vaga. Para atuar nesse admirável novo mundo, os nossos alunos têm de aprender a lidar com *todas* as formas de falar inglês. (RAJAGOPALAN, 2009, p. 45)

Essas formas de falar são referidas pelo autor através do termo *Englishes*, que caracteriza a existências de vários ingleses.

Ou seja, não é apenas o inglês canadense, indiano, paquistanês, israelense, francês ou qualquer outro, é, mais do que isso, é o inglês do indiano que faz negócios informais, da francesa dona de casa que usa essa língua para fazer compras na feira livre, do jovem israelense que se comunica com outros falantes da língua de outros lugares do mundo, entre outros.

Em outras palavras, é o inglês da vida real, dos diversificados usos no dia a dia e com diferentes propósitos, utilizado por pessoas distintas e únicas que contribuem com a sua diversidade linguística e com suas múltiplas faces. É nessa perspectiva que se discute o *World English*, que para Rajagopalan (2004; 2005) é um fenômeno linguístico na qual o inglês tem sido afetado por diversas outras línguas e culturas de seus falantes.

Por isso, esse fenômeno vai além da forma como se fala, pois, há um peso muito grande da carga cultural que ela recebe e, portanto, não existe mais aquilo que outrora era conhecido como inglês adequado e falante nativo, pois

quando nos referimos ao *World English*, língua falada hoje por quase um terço de seres humanos nos quatro cantos desse planeta (com quase o mesmo número de pessoas aprendendo a língua ao redor do mundo), não faz o menor sentido falar em falantes nativos. Essa língua, ou melhor, esse “fenômeno linguístico” [...] na verdade, pertence a todos aqueles que dela fazem algum uso no seu dia a dia, por mais limitado ou restrito que ele seja. (RAJAGOPALAN, 2009, p. 42)

Dentro dessa perspectiva, de tudo que foi levantado e com aporte nas teorias já salientadas aqui é que acreditamos que o nosso inglês, o inglês falado por brasileiros, é uma variação da língua e poderia ter seu espaço de reconhecimento oficialmente e ser considerada dentro do ensino de língua estrangeira nas escolas.

Se o inglês é pertencente a todos que o falam e suas variações são reais e acontecem quando pessoas de todos os lugares a utilizam, então os falantes brasileiros também pertencem a este processo de movimentação linguística.

Portanto, é preciso se ater a um ensino que prese pela valorização das multifaces que a língua apresenta já que a língua inglesa é heterogênea e sem uma identidade única. Assim, o inglês a ser ensinado deve ser um inglês pluralizado, com seus múltiplos sotaques, o inglês da comunicação, o inglês do século XXI, o inglês que perpassa por todos os lugares do mundo e que também possui suas características brasileiras.

### **Perspectivas da BNCC sobre variação linguística e ensino**

Retomamos nosso reconhecimento de que o ensino de língua inglesa deve ser repensando e pautado de acordo com as necessidades sociais e com a sua evolução, lançando mão do caráter múltiplo desse idioma para que sua aprendizagem se torne eficaz, efetiva e que possibilite ao aluno uma formação mais ampla.

Por isso é que se entende que essas mudanças devem partir de documentos educacionais do nosso País para garantir que todos possam ter acesso a esse ensino efetivo, que é dever das escolas e direito de todos.

Há autores que questionam os documentos educacionais e legislações vigentes da educação e ensino de língua estrangeira por acreditarem haver incoerências entre esses documentos e a realidade. Oliveira (2011), por exemplo, nos explica em dois pontos quais seriam essas incoerências, a saber: muito do que se postula nesses documentos e legislações estão muito à frente da realidade das escolas públicas do Brasil e o próprio poder público ignora as dificuldades que interferem na realização daquilo que se postula nesses documentos.

Porém, concordamos que os documentos educacionais são essenciais para a melhoria da educação no nosso país, pois normatizam os saberes essenciais a serem desenvolvidos, e que, através deles poderemos repensar o ensino e a partir deles poderemos buscar promover mudanças na nossa realidade.

O documento da BNCC de 2018 é específico para o ensino médio e define e organiza as aprendizagens essenciais a serem desenvolvidas durante toda esta etapa através de áreas de conhecimento, a saber, Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Essas aprendizagens essenciais são definidas através de competências e habilidades específicas, mas que não serão descritas aqui por não serem relevantes à temática do trabalho. O ensino de língua inglesa, bem como o de língua portuguesa e matemática continuarão obrigatórios nesse novo ensino médio.

Outras aprendizagens passam a ser flexíveis à escolha dos alunos de acordo com seus interesses e a partir dos itinerários formativos, que é a parte que permite flexibilidade, mas que ainda serão organizados e selecionados primeiramente no currículo.

Posteriormente, as escolas revisarão seus Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) para traçarem os caminhos para a efetivação da BNCC e depois de tudo implementado é que será permitido essa escolha de aprendizagens. Como dito anteriormente, o documento, apesar de ter sido aprovado, está em fase de implementação e as escolas ainda estão se preparando para receber essas mudanças.

Como nosso objetivo aqui é compreender de que forma ele aborda a questão da variação linguística da língua inglesa e se considera, ou não, o inglês brasileiro como variante desta língua e seu ensino na sala de aula, é que focaremos apenas naquilo que se relacione com esse objetivo através de análises de alguns excertos.

Nesse novo ensino médio o ensino de língua inglesa faz parte da área de Linguagens e suas Tecnologias e deverá ser pautado, em primeiro lugar, dentro do foco desta grande área e depois dentro dos objetivos específicos deste ensino.

Sobre o foco da área, a BNCC diz que este está, na ampliação da autonomia, da autoria nas práticas de linguagens diversas e no protagonismo e ainda diz que a escola precisa auxiliar o aluno a se reconhecer como sujeito, já que é na escola que o aluno interage com o outro e com o mundo e que é através da diversidade que ele encontra oportunidades para crescer, (MEC, 2018).

Para embasar suas propostas de reforma para o ensino médio a BNCC de 2018 pauta suas justificativas em dois pontos, sendo eles, o avanço social e a necessidade de acompanhá-lo a fim de promover formações protagonistas para a atuação do sujeito em sociedade. Por isso ela destaca que é

imprescindível reconhecer que as rápidas transformações na dinâmica social contemporânea nacional e internacional, em grande parte decorrentes do desenvolvimento tecnológico, atingem diretamente as populações jovens e, portanto, suas demandas de formação. Nesse cenário cada vez mais complexo, dinâmico e fluido, as incertezas relativas às mudanças no mundo do trabalho e nas relações sociais como um todo representam um grande desafio para a formulação de políticas e propostas de organização curriculares para a Educação Básica, em geral, e para o Ensino Médio, em particular. (MEC, 2018, 462)

Ao considerar essas transformações sociais de influências nacionais e internacionais é que a BNCC se preocupa com o contato dos estudantes com a diversidade e com seu convívio com o outro.

Sob essa ótica ela entende que é no ambiente escolar que o aluno tem a possibilidade de experienciar relações de interação e contato com as diferentes formas de expressão de linguagem. Assim, a aprendizagem da língua inglesa é vista como um dos meios para se produzir linguagem e para o reconhecimento da pluralidade social que se consolida através da língua.

Assim, o documento vislumbra na diversidade um caminho para o progresso do aprendiz. Ele se preocupa, ainda, com o educando e sua formação para além dos conhecimentos técnico e teóricos destacando a pluralidade língua inglesa e sua heterogeneidade.

Ainda sobre o seu ensino a BNCC diz que

Aprender a língua inglesa propicia a criação de novas formas de engajamento e participação dos alunos em um mundo social cada vez mais globalizado e plural, em que as fronteiras entre países e interesses pessoais, locais, regionais, nacionais e transnacionais estão cada vez mais difusas e contraditórias. (MEC, 2018, p. 241)

Desta forma, ela complementa que é imprescindível que se reveja as relações entre a língua e as questões territoriais e culturais. Diante dessa visão, o referido documento assume, então, a natureza global da língua e afirma que

prioriza o foco **da função social e política do inglês** e, nesse sentido, passa a tratá-la em seu *status* de **língua franca**. O conceito não é novo e tem sido recontextualizado por teóricos do campo em estudos recentes que analisam os usos da língua inglesa no mundo contemporâneo. Nessa proposta, a língua inglesa não é mais aquela do “estrangeiro”, oriundo de países hegemônicos, cujos falantes servem de modelo a ser seguido. (MEC, 2018, p. 241)

Mais adiante, a BNCC esclarece que a língua inglesa é

compreendida como língua de caráter global – pela multiplicidade e variedade de usos, usuários e funções na contemporaneidade –, assumindo seu viés de língua franca, [...] além dessa visão intercultural e “desterritorializada” da língua inglesa – que, em seus usos, sofre transformações oriundas das identidades plurais de seus falantes. (MEC, 2018, p. 484)

Essa visão de língua mundial defendida pela BNCC vai de encontro com os conceitos e aportes teórico revisados nesse trabalho e reafirma as várias identidades da língua e as mudanças que ela sofre em seu processo de uso.

Além do mais, esse documento considera “a relevância da língua inglesa na mediação de práticas sociais e interculturais, individuais e de grupo” (MEC, 2018, p. 484) e esclarece que é a partir dessa perspectiva e do caráter de diversidade do inglês que os repertórios linguísticos dos estudantes devem ser construídos nas escolas.

É perceptível, pois, que o documento considera as variações linguísticas decorrentes do inglês por conta de seus falantes do mundo todo e seu caráter de língua (trans)formada,

já que suas incontáveis pluralidades de características englobam diversas práticas sociais e o contato com ela possibilita uma formação mais abrangente dos educandos.

À vista disso, o ensino de inglês nesse novo ensino médio objetiva “expandir os repertórios linguísticos, multissemióticos e culturais dos estudantes, possibilitando o desenvolvimento de maior consciência e reflexão críticas das funções e usos do inglês na sociedade contemporânea” (MEC, 2018, p. 485), incentivando o papel protagonista do sujeito.

E é nessa diversidade reconhecida da língua que os alunos podem ver o seu caráter que é “fluido, dinâmico e particular”, bem como, “as marcas identitárias e de singularidade de seus usuários, de modo a ampliar suas vivências com outras formas de organizar, dizer e valorizar o mundo e de construir identidades” e de ampliar sua criticidade, (MEC, 2018, p. 485).

A Nova BNCC transmite sua preocupação com essa formação completa dos sujeitos e pretende esclarecer que as escolas precisam redefinir seus olhares em busca de um ensino de línguas mais contemporâneo, que acompanhe a diversidade social e cultural e que insira em seu âmbito essa noção de língua franca e desterritorializada para que os alunos tenham contato com essa língua de fronteira que é multifacetada.

Outra preocupação do documento analisado é com a integração dos estudantes com grupos que sejam multilíngues e multiculturais, pois entende essa necessidade em meio a um mundo globalizado e que o inglês é uma língua que promove a interação.

Por outro lado, este documento não deixa explícito um posicionamento a respeito do uso e reconhecimento do inglês brasileiro como variação da língua inglesa e como um inglês a ser considerado e ensinado na sala de aula. Apesar de ver esse idioma como multifacetado, sem donos e considerar que existem diversas identidades na língua e diversas formas de falar inglês, conforme postula Rajagopalan (2009), ele não aborda essa variação do país.

Revisemos o seguinte excerto na qual é citado que

a língua inglesa não é mais aquela do “estrangeiro”, oriundo de países hegemônicos, cujos falantes servem de modelo a ser seguido [...]. Nessa perspectiva, são acolhidos e legitimados os usos que dela fazem falantes espalhados no mundo inteiro, com diferentes repertórios linguísticos e culturais, o que possibilita, por exemplo, questionar a visão de que o único inglês “correto” – e a ser ensinado – é aquele falado por estadunidenses ou britânicos. (MEC, 2018, p. 241)

E complementa que,

[o] tratamento do inglês como língua franca o desvincula da noção de pertencimento a um determinado território e, conseqüentemente, a culturas típicas de comunidades específicas, legitimando os usos da língua inglesa em seus contextos locais. Esse entendimento favorece uma educação linguística voltada para a interculturalidade, isto é, para o reconhecimento das (e o respeito às) diferenças, e para a compreensão de como elas são produzidas nas diversas práticas sociais de linguagem. (MEC, 2018, p. 242)

Dado o exposto, refletimos que a BNCC reconhece a existência dos vários *Englishes* (RAJAGOPALAN, 2009), defende seus usos na construção do repertório do aluno e no ensino, porém não cita a existência do inglês brasileiro. Além do mais, ela não menciona essa variação da língua e nem considera seu ensino na sala de aula.

Percebemos, portanto, que há uma disparidade naquilo que o próprio documento acredita, descreve e normatiza e que ele poderia abrir mais espaço para a hibridez da língua inglesa na sala de aula por meio da constatação e oficialização do inglês falado no Brasil.

Em conclusão, o documento tem por finalidade a formação de sujeitos críticos, que compreendam a si mesmos e ao mundo a seu redor, que sejam capazes de refletirem e manifestarem, através de diferentes maneiras, inclusive por meio da língua inglesa, suas opiniões, interesses e visão de mundo.

Então, não considerar o nosso inglês é, de certa forma, ponderar a inclusão do aluno na diversidade linguística e inibir o seu reconhecimento de lugar no mundo e nessa sociedade moderna e multifacetada.

## Considerações finais

Vimos que a Nova BNCC do ensino médio, aprovada em 2018, reconhece o inglês como língua franca e seu caráter de não pertencimento a uma única cultura ou povo.

Ela compreende, da mesma forma, que a existência das variações e modificações na língua se dá devido a seu viés de língua global. Ademais, percebe que o inglês favorece a autoafirmação do sujeito e a interação com o outro e que a multiplicidade social se manifesta e se consolida através dessa língua.

Porém, se por um lado, ela pretende que através desse ensino os alunos tenham contato, aprendam e utilizem essa língua que pertence a todos, por outro lado, apesar de ser um documento apenas de caráter normativo que deixa à critério das escolas a maneira como esse novo ensino será desenvolvido, a BNCC se abstém de explorar mais amplamente os diversos *inglês*, inclusive a variação do inglês brasileiro.

Talvez por seu caráter apenas normativo ou por optar em deixar que as escolas construam esse novo caminho é que ela se absteve desse aprofundamento. Moita Lopes (2008) faz uma crítica sobre a preocupação dos governos com o avanço do inglês no mundo e diz que por conta disso certos países criam uma resistência e acabam sendo contraditórios.

Por mais que defendam o caráter global da língua e a necessidade do país em estreitar os laços com o uso dessa língua, ao mesmo tempo eles têm medo de que o inglês destrua suas línguas nacionais. Criando, desta forma, uma barreira de proteção por meio de um certo recuo. Segundo o autor, o Brasil é um dos países que reconhece o valor social e mundial da língua, que investe em seu ensino, mas, ao mesmo tempo, cria essa resistência contra o inglês.

Seria possível, então, que essa abstenção da BNCC em aprofundar suas normatizações incluindo, ou pelo menos tocando no que diz respeito ao reconhecimento da nossa forma de falar inglês, tenha a ver com essa resistência? Bem, acreditamos que este seja um questionamento pertinente, mas preferimos deixá-lo como uma reflexão final para nossos leitores.

Para a BNCC é importante que os documentos oficiais da educação, as escolas, os professores e alunos reconheçam as características formativas do inglês, seu caráter de língua franca e suas variações que se (re)fazem através de manifestações de fala e na interação humana. Assim, o caráter fluído e dinâmico do inglês possibilita e auxilia a formação cidadã dos alunos.

Se seu processo de implementação, seu desenvolvimento, efetivação e resultados serão satisfatórios nesse novo ensino médio, não sabemos, pois, há muito o que se discutir e, como tudo aquilo que é novo, precisa-se de tempo para que as coisas se organizem e estejam mais claras.

Corroboramos, pois, com as afirmações de Celani (2016) na qual a autora acredita que é preciso haver uma conexão entre o saber global e o saber local e considera a realidade de quem aprende como um caminho para se construir conhecimentos e como uma forma de aprofundá-los. Nesse intuito, é que concordamos que a língua inglesa pertence a todos aqueles que a falam, inclusive a nós, brasileiros.

Propomos, então, que reconheçamos a existência do inglês brasileiro como uma variação dessa língua e que possamos abrir mais espaços para a inclusão da nossa forma de falar inglês, considerando esse saber local como um caminho para a formação integral dos nossos alunos e dos sujeitos falantes dessa língua tão híbrida que é a língua inglesa.

#### **RECOGNITION OF BRAZILIAN ENGLISH AS A LINGUISTIC VARIATION: AN ANALYSIS OF THE NEW BNCC FOR SECONDARY EDUCATION**

**ABSTRACT:** Language manifests in different ways because it is conditioned to its speakers and the plurality of their behaviors, cultures and identities. English is one of the most spoken languages in the world, it is the language of globalization and interaction between people, so it is multifaceted, multilingual and multicultural. It has lots of variations that are attributed by all its speakers, it is a *língua franca*, it has not an specific owner so it is heterogeneous. Under this perspective we have the World English (RAJAGOPALAN, 2005) a linguistic phenomenon consisting of the multiplicity existing in English. It considers all spoken English as variations of English language, so in this linguistic diversity Brazilian English is one of those variations. According Rajagopalan (2009), this phenomenon has to be taught in the schools to present to the students its manifestations preparing them to follow social evolution and to learn how to deal with the various ways of speaking. Therefore, this

paper aims to understand how the high school document named Nova base Nacional Comum Curricular, 2018, treats the issue of linguistic variation and if it considers Brazilian English as a variant of this language and its teaching. We aim to promote the recognition of this variation based on World English conceptions based on Variationist Sociolinguistics, on Contemporary Applied Linguistics and following authors such as Labov (2008); Alkmim (2006); Görski et al. (2010); Rajagopalan (2004; 2005; 2009), Moita Lopes (2011), etc. So, this investigation concluded that the document recognizes the diversity of English and the need for a heterogeneous and multifaceted teaching. However, it does not mention the Brazilian English and neither officialize it as a variation of that English language.

**KEYWORDS:** BNCC; Brazilian English; English Language; Language Variation; Teaching.

## REFERÊNCIAS

ALKMIM, T. M. Sociolinguística. Parte I. IN: MUSSALIM, F; BENTES, A; C. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2006. p. 21-47.

BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, 133 p.

BRASIL, Ministério da Educação. *Base nacional comum curricular: língua estrangeira*. MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP n. 2/2017, de 17 de dezembro de 2018. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18, dez. 2018.

CELANI, M; A; A. Um desafio na linguística aplicada contemporânea: a construção de saberes locais. *Revista D.E.L.T.A*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 543-556, 2016.

Görski, E; M. et al. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LIMA, D. C. O ensino de língua inglesa e a questão cultural. In. LIMA, D. C. *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 179-189.

MOITA LOPES, L; P. Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia linguística para tempos híbridos. *Revista Delta*, v.24, n.2, 309-340, 2008.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação da linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R. C. e ROCA, P. *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 11-24.

OLIVEIRA, M; F. *Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em administração*. Catalão: UFG, 2011. (Manual de pós-graduação).

- OLIVEIRA, R; A. A matrix da LE no Brasil: a legislação e a política do fingimento. In. LIMA, D; C. *Inglês em escolas públicas não funciona?* Uma questão, múltiplos olhares. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 79-92.
- RAMOS, E. Transferência fonológica no ensino de língua inglesa. In. LIMA, D. C. *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 179-189.
- RAJAGOPALAN, K. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil: por uma política prudente e propositiva. In. RAJAGOPALAN, K.; LACOSTE, E; Y. *A geopolítica do inglês*. São Paulo: Editora Parábola, 2005, p. 135-159.
- RAJAGOPALAN, K. O inglês como língua internacional na prática docente. In LIMA, D. C. *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 39-46.
- RAJAGOPALAN, K. The concept of ‘World English’ and its implications for ELT. *ELT Journal*, v. 58, n. 2. p. 111-117, 2004.
- RAJAGOPALAN, K. The identity of “World English”. In. GONÇALVES, G. R. et al. *New challenges in language and literature*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009, 97-108.
- SIQUEIRA, S. Inglês como língua franca não é zona neutra, é zona transcultural de poder: por uma descolonização de concepções, práticas e atitudes. *Revista Línguas e Letras*, Salvador, v. 19, n. 44, p. 93-113, 2018.

Recebido em: 04/08/2019.

Aprovado em: 14/10/2019.